

Conhecimento e utilização da contraceção de emergência em mulheres jovens estudantes do ensino superior

Maria Isabel Barreiro Ribeiro*, António José Gonçalves Fernandes**

* Prof. Adjunta do Instituto Politécnico de Bragança; Investigadora do CETRAD; Colaboradora da UDI

** Prof. Adjunto do Instituto Politécnico de Bragança; Investigador do CETRAD

Introdução

A contraceção pós-coital de emergência (CE) é o único método que pode ser utilizado após a relação sexual para prevenir a gravidez [1]. Não é considerado um método abortivo e não tem efeitos teratogénicos [1, 2]. A sua eficácia é tanto maior quanto menor o tempo de administração após a relação sexual desprotegida. Assim, é recomendado que a toma da pílula seja efetuada nas primeiras 12 a 72 horas após a relação sexual. O mecanismo de ação da pílula do dia seguinte depende da fase do ciclo menstrual onde se encontra a mulher só sendo eficaz se ainda não tiver ocorrido a implantação do óvulo [3, 4].

Objetivo

Avaliar o nível de conhecimento e a frequência de uso da contraceção de emergência em mulheres jovens estudantes do ensino superior; e, verificar se o nível de conhecimentos está correlacionado com a idade e o ano curricular frequentado.

Resultados

Como pode ver-se na figura 1, o preservativo masculino foi o método contraceptivo mais conhecido (100%), seguido do preservativo feminino (96,7%), dos métodos contraceptivos hormonais orais (96,1%), da contraceção de emergência (91,4%) e do Diafragma (90,6%). Para a esmagadora maioria (95,9%), a escola foi principal fonte de informação (figura 2). Das 234 jovens sexualmente ativas, 36,3% nunca recorreram à contraceção de emergência, 8,9% recorreram apenas 1 vez e as restantes recorreram mais do que uma vez (54,8%) (figura 3). A distribuição das jovens pelo nível de conhecimento foi o que se segue: 0,4% Mau; 25,7% Reduzido; 64,5% Médio; 9% bom e 0,4% Muito Bom (figura 4 e 5). O teste de correlação de Spearman provou existirem correlações, estatisticamente, significativas, fracas e positivas entre o nível de conhecimento, a idade ($R_s = 0,134$; $p\text{-value} = 0,034$) e o ano curricular frequentado ($R_s = 0,187$; $p\text{-value} = 0,003$).



Figura 1 – Contraceptivos mais utilizados (n= 234)



Figura 2 – Fontes de Informação (n= 234)

Metodologia

Trata-se de um estudo transversal, analítico, observacional e quantitativo que teve como base uma amostra probabilística aleatória simples constituída por 245 mulheres com idades compreendidas entre ao 18 e os 24 anos. Os dados foram recolhidos, aplicando um questionário anónimo de autopreenchimento, em contexto de sala de aula, no período de janeiro a março de 2014. Estas jovens frequentavam um curso da área científica da saúde.

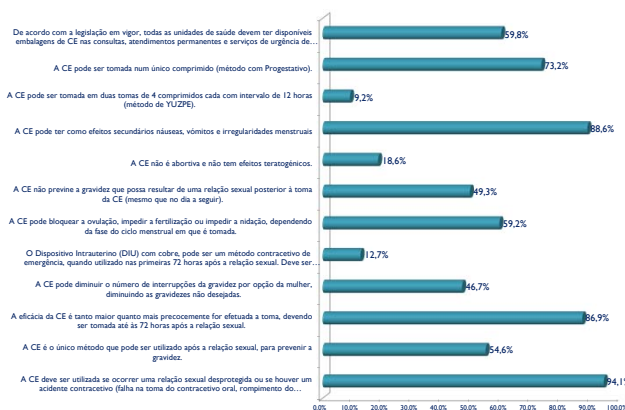


Figura 4 – Afirmações sobre os contraceptivos de emergência assinaladas corretamente pelo respondente



Figura 3 – Frequência de uso do método de contraceção de emergência

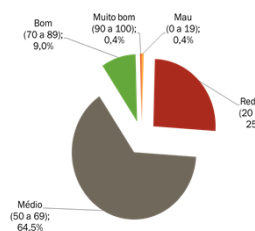


Figura 5 – Nível de conhecimento sobre os contraceptivos de emergência

Conclusão

O nível de conhecimento registado foi pouco satisfatório dado o nível de formação das jovens estudantes. A idade e o ano curricular frequentado mostraram estar correlacionados com o nível de conhecimentos sobre a contraceção de emergência. Estes resultados mostram a necessidade do reforço da formação dos futuros profissionais de saúde no que diz respeito aos métodos contraceptivos.

Bibliografia

- [1] Nunes, M. Conhecimento e utilização da contraceção de emergência em alunas do Ensino Secundário em Guimarães. Rev Port Clin Geral. 2005, 21: 247-56.
 [2] Souza, R. Pílula do dia seguinte: uma revisão de literatura sobre anticoncepção de emergência. Cadernos UniFOA. 2008; Edição Nº08.
 [3] Nogueira, A.; Reis, F.; Neto, O. Anticoncepcionais de emergência – Porque não usar?. Medicina Ribeirão Preto. 2000, 33: 60-63.
 [4] Zucchi, R.; JR, J.; Zucchi, F.; Camano, L. Gravidez Ectópica após uso da Contraceção de Emergência: relato de caso. RBGO. 2004, 26 (9): 741-743.